

Capítulo I

Tristan Morin empurrou Karen Pierce para a parede mais próxima e pressionou a boca contra a dela. O calor dos lábios macios, a doçura da língua, saliva e respiração foi o suficiente para tirar-lhe os sentidos.

— Diga-me para parar — ele sussurrou, contendo-se para não agarrar os cabelos sedosos e cravar os dentes no relevo pulsante da artéria carótida de Karen.

Seus caninos se expandiram e as pupilas aumentaram, num reflexo primitivo que as deixaram dilatadas o suficiente para engolir a íris e a córnea. Sensíveis à luz, a pele alva de Karen quase as feriu, com gotículas de suor brilhando como minúsculos diamantes espalhados pelo rosto.

— Não... — Ela balançou a cabeça em desafio, com o rosto afogueado e os olhos azuis brilhantes e redondos de ansiosa expectativa. — Não quero que você pare.

Tristan abriu a blusa com um puxão, e os botões voaram para longe, espalhando-se no chão. Ficou ainda mais excitado ao ver que Karen não usava sutiã. Ele recuou apenas para tirar a própria camisa, e em seguida, puxou-a para si, sentindo o calor do corpo feminino e a pressão sensual dos mamilos túrgidos contra seu peito.

— Diga-me para parar — suplicou, pois caso contrário, não resistiria à tentação de se alimentar dela.

— Não...

Os dedos de Karen se emaranharam nos cabelos fartos enquanto Tristan deslizava as mãos, percorrendo a cintura fina para chegar aos quadris. Ela usava saia preta para o funeral, simples e sóbria, com uma discreta abertura na coxa.

Tristan insinuou os dedos sob o tecido, ao mesmo tempo em que abria rapidamente o zíper de sua calça jeans com a outra mão. Num gesto firme, ele desceu a calcinha e suspendeu Karen pelas nádegas, erguendo-a do chão.

Ela cruzou os tornozelos ao redor do quadril estreito e se agarrou aos ombros de Tristan. Gemeu baixinho com a respiração acelerada quando ele a penetrou, preenchendo-a em uma estocada rápida.

Pressionando-a contra a parede, ele aprofundou as investidas, sentindo as unhas de Karen cravar em suas costas. Quase imediatamente, ela chegou ao clímax.

O quarto se localizava no andar superior, num mezanino com vista para o piso plano aberto da casa. Com um grunhido suave, Tristan a enlaçou pela cintura sem interromper o contato das anatomias íntimas e a carregou pela

escada. A posição deixou o pescoço alvo exposto e vulnerável, perto demais de sua boca sequiosa por matar a sede.

Karen sabia o que queria e não tinha medo dele ou da súbita vontade irresistível de se alimentar. De alguma forma, tal noção o excitou ainda mais.

Por favor, não me deixe fazer isso, ele pensou ao chegar ao topo da escada, carregando-a para a cama.

Os sapatos de Karen caíram ruidosamente, e ele chutou-os para fora de seu caminho. Sem resistir ao impulso, abriu a boca, roçando de leve as presas na pele macia. Então, como se tivessem vida própria, os caninos pontiagudos se afundaram de leve, deliberadamente.

Oh, Deus, por favor não me deixe mordê-la!

Com um grito rouco, ele soltou Karen e ela caiu de costas no colchão, com os olhos arregalados de surpresa. Sem dar-lhe tempo para se recuperar, Tristan virou-a de bruços e puxou-a para a beirada da cama, penetrando-a furiosamente enquanto segurava as mãos dela contra o colchão, com os dedos entrelaçados. A premente necessidade de enterrar os dentes na carne doce e suave do pescoço foi misericordiosamente suplantada pelo clímax.

Eu não conseguiria me conter por muito mais tempo, pensou ele, caindo na cama ao lado dela com um suspiro longo e pesado. *Se a sede de sangue for mais forte... Se eu me alimentar de Karen... Então, vou estragar tudo!*

Karen rolou para o lado, aninhando-se de encontro a Tristan. Seus olhos estavam fechados, o rosto encoberto de suor e os cabelos caíam sobre a testa. Ela podia ver os caninos começando a recuar, alojando-se na gengiva.

Isso deve ser um sonho..., pensou, enlevada.

Com um sorriso, passou a mão de leve sobre o peito largo. A pele estava corada, infundida com o calor, suada do esforço, e sob a ponta dos dedos, ela sentiu o ritmo rápido da pulsação.

Tristan e sua família eram de uma raça de seres que, coletivamente, se autodenominavam Confraria.

Vampiros.

Essa era a melhor definição para tais criaturas de longa vida, que nunca envelheciam, cujos caninos se expandiam para que pudessem se alimentar. Ao contrário da série de filmes de terror que mostravam criaturas etéreas típicas de melodramas para adolescentes, os membros da Confraria não tinham hábitos predatórios e viviam em paz com os seres humanos. Ao menos a família Morin, incluindo Tristan.

A imensa propriedade do clã ocupava vasta região ao longo da costa montanhosa de Emerald Bay, às margens do Lago Tahoe, Califórnia. Mais de sessenta membros do clã Morin viviam em confortáveis residências dispersas entre os pinheiros e álamos. Na maior parte do ano, mantinham-se desocupadas,

com quase todo o clã espalhado pelo mundo dos humanos, numa existência pacífica e comum. Dessa forma, as características peculiares dos confrades passavam despercebidas para os simples mortais.

Tristan residia num charmoso chalé de pedras à beira do lago, assim como Karen. Ela era a única humana com acesso permitido ao complexo cuidadosamente guardado do clã Morin. Além de casas, a propriedade também abrigava uma clínica especializada no tratamento dos confrades.

Embora os membros da Confraria tivessem desenvolvido hábitos comuns aos humanos, sua fisiologia e necessidades biológicas únicas necessitavam de atenção específica.

Karen fora contratada para trabalhar na clínica pelo avô de Tristan, Michel Morin. Os generosos benefícios para o trabalho da enfermeira incluíam alimentação gratuita, todo o serviço de hotelaria e casa própria com magnífica vista para o lago. Outra vantagem era trabalhar com Tristan e estar perto dele no dia a dia.

A primeira vez que ela vira o homem que passara a povoar seus sonhos havia sido no Centro Médico de Sierra Nevada, em Reno, cinco anos antes. Enfermeira especializada em oncologia, ela notara o jovem residente que, apesar da aparência jovial, mostrava talento e habilidade clínica surpreendente para sua idade. Porém, mais do que isso, havia algo nele que a atraía, como se uma força magneticamente carregada exercesse influência invisível e espontânea em sua mente e coração.

No entanto, Karen nunca lhe dissera nada, pois estava certa de que Tristan não sentia a mesma atração por ela...

Até agora.

A mãe de Tristan acabara de ser enterrada, num discreto funeral com alguns membros da família no cemitério particular do clã. Lisette Morin estivera doente durante muito tempo, sofrendo de uma peculiar síndrome que parecia acometer apenas membros da Confraria.

Apesar do elaborado tratamento na clínica e de toda a dedicação de Tristan e Michel, Lisette passara a viver em estado vegetativo. A morte era inevitável, fato que seu filho médico tinha consciência. Contudo, mesmo mantendo-se fiel aos cuidados diários e dedicando-se integralmente à mãe, a perda havia deixado Tristan profundamente abalado.

Ele permanecera ao lado da sepultura, com os olhos fixos no caixão brilhante encoberto por um arranjo de rosas e lírios, e ouvira em silêncio condoído o sermão de Michel.

Após o serviço funerário, quando o grupo de familiares se dispersou, Karen fora tomada de uma emoção indescritível ao ver Tristan se aproximar, tomá-la pela mão e puxá-la para perto.

— Minha casa — ele murmurara com voz rouca, os lábios roçando seu ouvido enquanto ele falava com proximidade íntima. — Agora.

Ele não havia dito mais nada. Não era preciso. Karen lera nos olhos dele o sentido das palavras. Ela o acompanhara de mãos dadas pelo caminho esburacado de volta à casa com a sensação de que o momento era surreal. Seu corpo todo tremia com uma mistura de ansiedade e expectativa. Apesar da associação com os vampiros em um contato diário, ela nunca tinha sido mordida por nenhum deles.

Muito antes de Tristan ter nascido, Michel apregoava ideias revolucionárias que haviam provocado controvérsia entre a Confraria, questionando crenças que sua espécie mantinha por milênios. A teoria mais polêmica proclamava que os confrades não deviam se alimentar de seres humanos, mas sim, uns dos outros. Michel acreditava que tal preferência fisiológica maximizava a capacidade inata da espécie de se curar dos ferimentos de forma rápida e integral. Além disso, somava-se o fato de que a excelência das habilidades telepáticas e telecinéticas só se desenvolviam nos que se alimentavam regularmente de seus companheiros.

As teorias de Michel Morin haviam levado o clã Morin ao exílio forçado, segregando-o de outros clãs séculos atrás.

Karen sabia que a sede de sangue, a necessidade instintiva que os confrades sentiam, assemelhava-se ao desejo sexual. Quando um confrade se excitava, os dentes caninos se estendiam, as pupilas dilatavam e o globo ocular tornava-se negro. Ela vira isso acontecer com Tristan. Porém, ao invés de chocá-la ou assustá-la, a aparência dele a deixara ainda mais excitada.

Diga-me para parar, ele havia sussurrado, e ela ficara incerta se estava se referindo a fazerem amor ou se alimentar dela. Sua resposta fora uma negativa, não importava qual fosse a intenção dele.

Ainda sorrindo, ela fechou os olhos, sentindo o calor do peito contra seu rosto, respirando o aroma remanescente da colônia masculina. Agora, os batimentos cardíacos tinham voltado ao ritmo regular.

Eu te amo, Tristan, ela pensou com um suspiro satisfeito.

Tristan desejou ter o poder de bloquear os pensamentos da mente de Karen. Mas, assim como o corpo, sua mente também fora tomada pela sede de sangue, e não havia como manter o controle. Assim, em tais ocasiões, não era capaz de dominar a poderosa telepatia que ele comandava com facilidade confortável no cotidiano.

O simples ato de tocá-la era suficiente para fazê-lo tremer, como se uma corrente elétrica atravessasse seu corpo. No entanto, ele estava exausto demais para se afastar dela, embora soubesse que seria o mais seguro.

Se não se afastar de Karen, a sede de sangue retornará, a voz da consciência

sussurrou em seus ouvidos.

Cerrando os dentes, ele se obrigou a rolar na cama e posicionar-se de costas para Karen. Não podia correr esse risco, não depois de ter lutado tanto tempo contra as reações do próprio corpo diante da presença dela.

Ele poderia sentir Karen numa sala lotada, com os olhos fechados e mãos atadas atrás das costas. A verdade era que estava invariavelmente, infalivelmente atraído por aquela mulher. O cheiro natural dela, o hálito mentolado e a sugestão metálica e adocicada do sangue, combinado às delicadas fragrâncias do sabonete, xampu e colônia que ela costumava usar o deixavam tonto, quase bêbado de desejo. Tristan nunca reagira a um ser humano de forma tão intensa e visceral. Ele havia lutado para reprimir a tentação de ceder à necessidade incessante desde o momento em que vira Karen pela primeira vez.

Foi por isso que Michel a trouxe para cá. Ele sabe o que Karen desperta em mim. Ele espera que eu me una a ela num laço de sangue e fique eternamente preso a este lugar. E é exatamente por isso que eu jamais cederei à tentação de mordê-la. É exatamente isso que o bastardo quer.

Na manhã seguinte, Karen acordou com as notas doces da melodia ao piano. Ela abriu os olhos turvos e piscou, sonolenta, levando alguns segundos para reconhecer o ambiente. Espreguiçou-se sobre a cama *king-size* coberta por lençóis brancos e um edredon fofo e quente.

A cama de Tristan, lembrou-se com um leve sorriso, mesmo que não houvesse nenhum sinal dele. A música continuou a soar no andar de baixo, dando-lhe a pista sobre onde encontrá-lo.

Então, era real. A noção a fez sorrir timidamente, e ela cobriu a boca com a mão.

Isso realmente aconteceu. Tristan fez amor comigo.

Seu sorriso ainda curvava os cantos da boca quando ela saiu da cama. Estava nua, exceto pela saia que usara no dia anterior. A bacia estava enrolada em volta da cintura, e ela puxou-a para baixo, alisando o tecido. Encontrou cada pé dos sapatos de salto num lugar, e enquanto os calçava, olhou ao redor à procura da blusa. Não avistou em lugar algum, e pegou a camiseta amarrotada de Tristan jogada sobre a cômoda.

Depois de se vestir, Karen olhou no espelho e quase gritou ao ver sua imagem. As roupas estavam completamente amassadas, seus cabelos espetavam para todos os lados e os olhos estavam inchados pelas poucas horas de sono.

Deus, eu estou horrível!

Tentou ajeitar os cabelos. Mas valera a pena. Cada minuto que havia passado ao lado de Tristan fora glorioso.

Ela desceu a escada e espiou a sala no primeiro andar. A casa de Tristan era

enquadrada por janelas altas de todos os lados, concedendo uma visão quase panorâmica da baía Emerald. O ar fresco e puro da manhã entrava livremente pelas vidraças da parede frontal, deixadas entreabertas deliberadamente para permitir que o ambiente fosse ventilado.

Ela viu Tristan sentado ao piano de cauda, vestindo apenas calça de moletom, com o peito e os braços nus. Embora ele estivesse diante do teclado, as mãos repousavam sobre as pernas, com os dedos enganchados na borda do banco embaixo dele como se estivesse se preparando para um impacto ou golpe. Ele mantinha a cabeça ligeiramente inclinada para trás. Os olhos fechados e o vinco profundo entre as sobrancelhas sugeriam profunda concentração. As teclas se movimentavam rapidamente, como se mãos invisíveis as tocassem.

O que, na verdade, era exatamente o que estava acontecendo.

Por se alimentar a partir de outro confrade, Tristan fora dotado de poderosa telecinese, além de ter a capacidade telepática potencializada. Abençoado com ouvido natural para a música, ele podia usar essa capacidade antinatural e, na opinião de Karen, extraordinária, para ouvir qualquer peça de música e, em seguida, reproduzi-la integralmente ao piano. Claro, podia tocar com as mãos como qualquer mortal, pois a mãe o ensinara desde a infância. No entanto, preferia usar a vantagem de sua mente. À moda da Confraria, como ele costumava chamar.

A música parou abruptamente, e Tristan ergueu as pálpebras ao olhar por cima do ombro para Karen. Ela não fizera nenhum som, ou ao menos era o que pensava, tentando ser o mais silenciosa possível para não perturbá-lo. Mas, como todos os membros da Confraria possuíam o dom inato da telepatia, provavelmente ele sentira sua presença no momento em que ela pusera os pés na sala.

— Sinto muito — ela murmurou, embaraçada. — Eu não queria...

Ele balançou a cabeça, interrompendo-a.

— Está tudo bem.

— Que música linda! O que é?

— Ravel. *Gaspard de la nuit*. — Ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos contra as teclas com um som desarmônico. — Que bom que você está de pé.

— Por quê? — ela perguntou, com um sorriso travesso curvando os cantos dos lábios.

Seria uma sugestão para usufruírem mais a companhia um do outro? Animada com a ideia, Karen considerou ir ao encontro dele e sentar-se em seu colo, suspendendo a saia para lhe permitir fácil acesso. Porém, as palavras seguintes de Tristan a desestimularam como um banho de água fria:

— Eu tenho compromissos antes ir para a clínica. Preciso sair dentro de

poucos minutos.

— O quê? — Karen piscou, confusa. Se não pudesse ter mais um pouco do desempenho da noite anterior, ele ao menos podia oferecer-lhe uma xícara de café e um sorriso!

— Posso lhe dar carona até sua casa, se você quiser — Tristan ofereceu. Ele não podia estar falando sério!, Karen pensou, magoada.

Não depois de ontem à noite.

Embora os Morin não se alimentassem de humanos, era permitido casarem-se, terem relações sexuais e filhos. Não Tristan, no entanto. Enquanto muitos de seus irmãos, primos e parentes eram resultados de cruzamentos entre humanos e confrades, Tristan possuía linhagem pura. Era o último membro da Confraria que não sofrera miscigenação entre os Morin. Em nome de tal distinção, ele estava determinado a ter filhos com uma confrade para continuar sua linhagem.

Você é uma reles humana, sua tola!, pensou ela com os olhos ardendo por causa das lágrimas. Parte da razão pela qual ela se animara com a urgência nos olhos dele no funeral fora ter julgado que Tristan a queria.

Menos de uma semana antes, ele estivera perto de se casar com Tessa, confrade do clã Noble. Não porque a amava, pois sequer a conhecia, mas por ela ser uma parceira adequada para a reprodução.

Embora nunca fosse admiti-lo em voz alta, Karen ficara profundamente magoada quando ficou sabendo da fuga dos dois para Reno. Ela chegara a fazer uma carta de demissão, num arroubo de indignação. Porém, a voz de seu pai dentro de sua mente a impediu, numa cadência paciente de palavras gentis que ela lembrava com carinho de sua juventude:

— Sua mãe e eu não criamos nenhum fraco, Kay.

Embora seu pai estivesse em Manhattan, Kansas, a três estados e dois fusos horários de distância, ele ainda era capaz de transmitir sua sabedoria. Por fim, Karen tinha enfiado a carta no porta-luvas do carro e esquecido o assunto...

Até aquele momento.

— E então? Quer carona? — Tristan insistiu.

Obrigando-se a sorrir apesar da humilhação quente brilhando em seu rosto, ela balançou a cabeça em negativa.

— Obrigada. Eu posso andar até lá.

— Tem certeza?

— Claro. Não é longe.

— Mas... — Tristan a fitou com olhar incerto. — Está frio.

— Eu não me importo.

Tudo o que ela queria era ir embora dali de uma vez, mesmo que tivesse de enfrentar o inferno lá fora. Ela já passara por aquilo antes, em sua abundância de ex-namorados. A experiência a ensinara a esperar pela rejeição de praticamente

todo homem por quem se sentia atraída.

Mas não você, Tristan, pensou ela, apertando os lábios numa linha fina. *Deus, eu não esperava isso de você nem em um milhão de anos!*

— Deixe-me ao menos pegar um casaco para você. — Quando Tristan a fitou, sua expressão parecia envergonhada.

Ele podia ler os pensamentos dela se quisesse, mas não era necessário. Não era cego nem surdo. Ele viu as lágrimas nos olhos e ouviu o tom lamurioso em sua voz.

— Não é preciso, obrigada. — Ela seguiu para a porta, vestida apenas com a camiseta dele e a saia, com as pernas nuas.

Porém, Tristan podia se mover com incrível rapidez quando queria, outro benefício único de sua espécie. Num piscar de olhos, estava diante dela, bloqueando o caminho.

— Karen...

Naquele momento, ele parecia um garotinho perdido, vulnerável e ferido até a alma. Abriu a boca como se quisesse falar, mas mudou de ideia. Então, Karen soube que o perdera de novo.

Não que algum dia o tivesse, ela ponderou com tristeza. Isso era dolorosamente óbvio.

Tristan alcançou uma jaqueta pendurada no cabideiro ao lado da porta da frente. Inclinou-se na direção dela, perto o suficiente para Karen sentir o calor que irradiava da pele, e ajeitou o casaco sobre seus ombros.

— Vista minha jaqueta. Está nevando lá fora.

Ontem à noite não significou nada para você, Tristan?, ela perguntou em segredo, desesperadamente, lutando contra a lágrima que escorreu pelo seu rosto. *Eu não significo nada para você?*

De repente, Tristan recuou como se tivesse levado um soco no estômago. O gesto a magoou mais do que quaisquer palavras. Num gesto instintivo, ela jogou o casaco, deixando-o cair pesadamente no chão.

— Não quero seu casaco. Eu ficarei bem — assegurou secamente. Esperando que ele pudesse captar seus pensamentos, ela acrescentou em silêncio: *É o clima gelado aqui dentro que está me fazendo mal.*